

## Transplante de órgãos no SUS e as disputas narrativas: uma análise do “caso Faustão”

*Organ transplants in the Unified Health System (SUS) and narrative  
disputes: an analysis of the “Faustão case”*

*Trasplante de órganos en el Sistema Único de Salud (SUS) y las  
disputas narrativas: un análisis del “caso Faustão”*

Wilson Couto BORGES<sup>1</sup>  
Erika Guedes FARIAS<sup>2</sup>  
Daniela MUZI<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar as narrativas jornalísticas referentes ao transplante de coração realizado pelo apresentador Fausto Silva, o Faustão, em agosto de 2023, veiculadas pelo jornal *O Globo*, em seu perfil do *Instagram*, bem como os comentários das publicações. Dessa forma, a partir do instrumental da Narratologia, pretendemos compreender a produção social de sentidos formada a partir de tais “cápsulas de notícias” e o quanto elas convidam interlocutores a aderirem a tais construções narrativas. Com os enunciados produzidos pelo veículo, em meio a um quadro de debates sobre se haveria ou não privilégios na chamada fila de transplantes, o que se produz como consequência é um aumento/diminuição da credibilidade do SUS.

**Palavras-chave:** Comunicação e Saúde; Mídias Sociais; Produção Social de Sentidos; Narratologia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação. Pesquisador titular da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/ICICT/Fiocruz). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Fiocruz). E-mail: wilson.borges@fiocruz.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2785-3658>.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Fiocruz). Realiza pesquisa na área de comunicação, saúde e mídias digitais. E-mail: erika.farias@fiocruz.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5175-1516>

<sup>3</sup> Doutora em Informação e Comunicação em Saúde. Tecnologista da Fundação Oswaldo Cruz (VideoSaúde/ICICT/Fiocruz). Docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Fiocruz). E-mail: daniela.muzy@fiocruz.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0706-5961>.



## Abstract

This work aims to analyze the journalistic narratives referring to the heart transplant carried out by presenter Fausto Silva, known as Faustão, in August 2023, published by the newspaper *O Globo*, on its Instagram profile, as well as the comments on the publications. In this way, using the tools of Narratology, we intend to understand the social production of meanings formed from such “news capsules” and how much they invite interlocutors to adhere to such narrative constructions. With the statements produced by the vehicle, amidst a debate about whether or not there would be privileges in the so-called transplant queue, what is produced as a consequence is an increase/decrease in the credibility of the SUS.

**Keywords:** Communication and Health; Social Media; Social Production of Meanings; Narratology.

## Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar las narrativas periodísticas referidas con el trasplante de corazón realizado por el presentador Fausto Silva, conocido como Faustão, en agosto de 2023, publicado por el periódico *O Globo*, en su perfil de *Instagram*, así como los comentarios a las publicaciones. De esta manera, utilizando las herramientas de la Narratología, pretendemos comprender la producción social de significados formados a partir de tales “cápsulas de noticias” y en qué medida invitan a los interlocutores a adherirse a tales construcciones narrativas. Con las declaraciones producidas por el vehículo, en medio de un debate sobre si habría o no privilegios en la llamada cola de trasplantes, lo que se produce como consecuencia es un aumento/disminución de la credibilidad del SUS.

**Palabras clave:** Comunicación y Salud; Medios de Comunicación Sociales; Producción Social de Sentidos; Narratología.

---

## Introdução

No dia 21 de agosto de 2023, o perfil no *Instagram* do jornal *O Globo*<sup>4</sup> (@jornaloglobo), que conta com cerca de 3 milhões de seguidores,<sup>5</sup> noticiou que o apresentador brasileiro Fausto Silva, o Faustão, que comandou por 32 anos programas na *TV Globo*, maior emissora do país, estaria internado com um quadro de insuficiência cardíaca, que levaria à necessidade de um transplante de coração. Se em postagens anteriores, que revelavam seu estado de saúde, o apresentador havia recebido apenas demonstrações de afeto, após o anúncio do transplante, cerca de 20

---

<sup>4</sup> O jornal *O Globo*, pertencente ao Grupo Globo, foi fundado em 1925. Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em pesquisa de dezembro de 2021, o Globo foi o jornal mais lido do país, a partir de análises de dados públicos de audiência e visitantes únicos na internet.

<sup>5</sup> Dados de 18/12/2023, que se mantem pelo menos até a última verificação, em 25/09/2024.



dias posteriores à internação, o cenário foi outro. Dezenas de comentários questionavam a legitimidade do processo, expunham indignação contra uma possível “compra de órgãos” e atestavam um profundo desconhecimento referente ao funcionamento do Sistema Nacional de Transplantes (SNT), ligado ao Sistema Único de Saúde (SUS). Uma desconfiança que, em um primeiro plano, recaía sobre o processo do apresentador, mas, de forma macro, colocava em xeque a confiança pública no próprio sistema de saúde brasileiro.

Esta não foi a primeira vez em que o SUS se viu diante de questionamentos. A representação midiática construída sobre o sistema ao longo dos anos tem promovido a ideia de sucateamento, muitas vezes pela utilização de cenários jornalísticos escolhidos para a veiculação de notícias sobre a saúde pública brasileira, que têm como pano de fundo, principalmente, as filas de hospitais e depoimentos pessoais de usuários e usuárias dessas unidades. Machado (2020) defende a existência de um “SUS Midiático”, apontando que o jornalismo “é ator fundamental na produção de sentidos sobre o SUS e um dos responsáveis pela produção das memórias discursivas em torno do sistema público de saúde brasileiro”. (Machado, 2020, p. 315) Dessa forma, a autora corrobora a ideia de que as escolhas discursivas dos veículos de comunicação, sobre como narrar – ou não – o SUS, contribuem de forma significativa para os sentimentos gerados na população.

É necessário ainda chamar ao debate um vácuo de informações que leva ao amplo desconhecimento sobre a complexidade do sistema de saúde pública em um país com as proporções do Brasil, além das outras esferas nas quais o SUS atua, dentre elas, na questão de transplantes de órgãos. De acordo com Castanheira *et al.* (2018, p.305):

As reportagens e notícias publicadas sobre o SUS são frequentemente associadas às mazelas e à dificuldade do setor, a partir de um pressuposto de ineficiência do governo e de incompetência das autoridades ou profissionais da área, levando a uma forma de apreensão sobre o tema pouco reflexiva. Essas notícias procuram revelar mais os desvios do SUS do que as mudanças substantivas que ele pode provocar no cenário social. Dessa forma, a visibilidade pública obtida pelo SUS torna-o politicamente frágil, comprometendo sua gestão e implementação.

O Brasil tem o maior programa público de transplante de órgãos, tecidos e células do mundo, com 88% dos transplantes realizados pelo SUS.<sup>6</sup> O Sistema Nacional

---

<sup>6</sup> Fonte: Ministério da Saúde <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/snt>. Último acesso em 25 set 2024.



de Transplantes regula e monitora todo o processo de doações e transplantes no país – procedimentos que são acompanhados e auditados por órgãos de controle federais. Apesar do termo “fila”, a lista de espera acontece por um sistema único, no qual os pacientes são inscritos para o recebimento do órgão, mas são averiguadas a compatibilidade sanguínea, além de, em alguns casos, serem analisadas a compatibilidade imunológica e antropométrica (medidas e dimensões dos órgãos) com o doador.<sup>7</sup> A gravidade da situação é considerada um fator primordial. Além disso, as condições de saúde do receptor precisam ser favoráveis à cirurgia.

O que o presente trabalho propõe como reflexão se alicerça na investigação sobre a produção de sentidos a partir da escolha de matérias replicadas ou adaptadas do site de *O Globo* para o *Instagram* do veículo, e que, de alguma forma, não favoreceram uma ampla compreensão do processo de transplante de órgãos no SUS. Se, no site, inúmeras reportagens detalhavam o funcionamento da “fila única do SUS” e explicavam didaticamente “por que Faustão não furou a fila”, no *Instagram*, apesar da indignação e dúvidas presentes nos inúmeros comentários, nenhuma postagem mais esclarecedora foi feita no perfil do veículo, durante o período analisado. Em outros termos, em várias das publicações, o que se observa é a realização de uma série de debates sobre os fenômenos lá descritos (parcialmente, porque trata-se de um “convite” a que o internauta explore os temas nas páginas de *O Globo*) sem que se conheça o total do conteúdo. Nesses termos, a “chamada” do *Instagram* acaba funcionando como um disparador para as controvérsias lá registradas.

Além das informações sobre doação de órgãos não serem amplamente difundidas, sendo sazonal a veiculação de notícias sobre o tema ou pautadas por situações como a do apresentador, percebe-se que há um movimento social de desconfiança em instituições, que acaba resvalando também na imprensa. O *Digital News Report 2022*,<sup>8</sup> oriundo do projeto *Trust In News*, produzido pelo Instituto

---

<sup>7</sup> Tal processo pode ser acompanhado, por exemplo, com o caso do MC Marcinho. No dia 27 de agosto, o cantor de funk brasileiro morreu com um quadro de insuficiência cardíaca e renal. Em entrevista ao *Portal Uol*, em matéria de Robson Ramos, em 29 de agosto de 2023, a equipe médica do cantor afirmou que o MC não tinha condições de saúde para enfrentar uma cirurgia de transplante, o que o tornaria inapto para a doação, já que o órgão não pode esperar mais de quatro a seis horas para ser transplantado. Segundo a reportagem, no dia 22 de agosto, o cantor foi retirado da lista de doação pelos seus médicos, devido a um quadro de infecção. Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/band-fm/noticias/coordenadora-explica-porque-mc-marcinho-nao-recebeu-o-coracao-e-faustao-recebeu-6628476>>. Último acesso em 6 dez de 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital\\_News-Report\\_2022.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf)>. Último acesso em 6 dez de 2023.



Reuters para os Estudos do Jornalismo na Universidade de Oxford, fala de uma combinação de fatores, como “a polarização da sociedade e o impacto das plataformas digitais sobre o acesso a informações”. Toda escolha feita por veículos de comunicação – do uso das palavras ao que não é dito – são posicionamentos políticos e refletem uma ideologia. Algumas vezes, essas possibilidades são tomadas pelos leitores como uma forma de manipulação que fortalece ainda mais a crise de confiança e legitimidade da imprensa e dos órgãos institucionais.

Sacramento e Borges (2020) falam sobre a importância de se investigar o papel da mídia nas representações referentes ao campo da saúde, especialmente quando se pensa no conceito de saúde que vai além da ausência de doenças. E entendendo que este não é um caminho que se faz pela neutralidade, “mas uma prática de produção discursiva (que produz efeitos de sentidos) sobre a cultura, a moral, a ideologia e a política, isto é, sobre a realidade como parte instituinte do processo de construção social do que entendemos por realidade” (Sacramento; Borges, 2020, p. 12), resta compreender de que forma são construídas as narrativas pelos grandes jornais em seus perfis de *Instagram*, uma metonímia de seus portais, nem sempre produzidos pelos mesmos profissionais em ambas as plataformas, e que respondem a lógicas mercadológicas e regras editoriais bastante diferenciadas.

### **Referenciais teórico-metodológicos**

Entendendo a importância dos veículos de comunicação, em especial os jornais diários, que tem como finalidade a disseminação de informações com pretensão de verdade e precisão sobre assuntos de relevância pública, e somando a seu atual papel no contexto dinâmico e dialógico das mídias sociais, como um espaço de maior liberdade linguística e que permite ampla subjetividade nas mensagens, optou-se pela Narratologia como modelo teórico-metodológico para a análise da produção de informações no campo da saúde pública. Mais do que isso, as construções narrativas criadas pela mídia são capazes de fortalecer ideias, gerar comoção e levar a consequências diversas, atuando fortemente no imaginário da população, como o uso da expressão “fila” nos permite perceber. Dessa forma, a escolha pela análise de narrativas busca compreender e problematizar de que forma as informações produzidas pelos veículos de imprensa sobre o transplante do apresentador Faustão interpelam sujeitos sociais, por meio de suas narrativas no *Instagram*, e qual a



produção social de sentidos envolvida neste processo, abrindo assim espaço para debates que abordem as consequências de tais produções.<sup>9</sup>

Analiticamente, nossa opção teórico-metodológica pela Narratologia (Motta, 2005; Borges, 2014, 2022) parte da compreensão e identificação daquilo que aparece nas publicações do perfil de *O Globo* no *Instagram* como resultado de um processo em que o fenômeno narrado emerge da interseção de uma dimensão que é sincrônica – neste caso, nomeadamente, o processo de transplante de coração para o Faustão –, mas que se insere numa diacronia – que pode ser compreendida, por exemplo, nos múltiplos questionamentos que são feitos às filas do SUS e os sentidos daí subjacentes. Se de Motta (2005) encontramos e retemos a assertiva de que as texturas jornalísticas deixam marcas naquilo que está escrito, buscamos dar mais um passo.

Ao adensarmos esse processo, numa perspectiva crítica, nossa compreensão é a de que estamos diante de construções que permitem identificar a produção de sentidos presente em tais veículos de informação, ora na superfície ora em estratos mais profundos, iluminando como tais narrativas convidam leitores, ouvintes, telespectadores (mas, no nosso caso particular, internautas), interpelando-os, a aderir às informações veiculadas (Borges, 2014, 2022). Se se trata de um caminho plausível, e avaliamos que sim, pode-se compreender como, por exemplo, uma narrativa sobre a preocupação com a necessidade de um novo coração para Faustão converte-se em questionamento a partir da (relativa e superficial) compreensão que se tem do percurso que vai da necessidade ao efetivo transplante de órgãos.

Desde nosso ponto de partida, aceitamos a premissa de que uma narrativa não pode ser compreendida apenas como um discurso, escrito ou falado (Motta, 2005). Assim, a ampliamos ao incorporar Ricoeur (1994), buscando identificar nas texturas aqui cotejadas uma ação que materializa, igualmente, as diretrizes do veículo de comunicação e as daqueles responsáveis por torná-las presentes em perfis de redes sociais digitais. Nesses termos, é possível perceber uma equivalência entre uma teoria da narrativa (Borges, 2014) e uma teoria da ação, na qual, durante o processo de configuração (presente da mimese II, isto é, o ato de uma ação que se serve de uma memória [prefiguração ou mimese I] para buscar alterar o futuro) e refiguração (mimese III, que resulta do ato reconfigurado), narrador e receptor são

---

<sup>9</sup> Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida no âmbito de um Programa de Pós-graduação, na qual serão avaliadas as produções de sentido acerca das campanhas de vacinação no *Instagram* e o papel das narrativas midiáticas construídas neste processo.





corresponsáveis pela construção da narrativa, produzindo performances linguísticas movidas por motivações e intenções recíprocas, repleta de valores, ideologias, memórias, o que move em ambos a vontade de construir sentido (Borges; Franklin, 2022, p. 160).

O que se sabe é que, ainda que a narrativa jornalística seja produzida como uma tentativa de se refutar um narrador, conferindo um tom de impessoalidade e objetividade a essas mensagens, não há neutralidade nestes constructos, já que qualquer realidade é mediada por mecanismos simbólicos. Mesmo no Brasil, onde grandes empresas comandam os principais veículos de comunicação do país, percebe-se lógica de negação a tais interesses, subsumida na hipervalorização da noção de objetividade. Logo, a narrativa disseminada pela mídia oculta o fato de que ela é, inevitavelmente, ideológica.

As empresas privadas oferecem plataformas globais de comunicação gratuitas, usadas por cidadãos, empresas, atores governamentais e ONG's (entre outros), mas operam com interesse comercial, sobretudo no uso das informações geradas nesses espaços (expressas em suas políticas de uso). O Instagram sintetiza esse cenário por ser uma empresa privada - regida pela lógica opaca dos algoritmos que filtram preferências e direcionam conteúdos - usada em escala global para abordar diversos enfoques sobre saúde. Nessa rede, os posts sobre este tema disputam a atenção de cidadãos com conteúdos de entretenimento e ações de marketing digital de marcas globais (muitas diretamente relacionados com a saúde, como o setor de alimentos) (Pinto; Antunes; Almeida, 2020, p. 05).

Desse quadro mais geral, onde multiplicam-se novas estratégias de comunicação, a criação de perfis anuncia a importância de uma nova ambiência, inserida numa arena em que a algoritmização também concorre para a produção de sentidos. Entretanto, o pouco que se vê dessa lógica algorítmica revela que as interações em outras postagens nas mídias sociais, como visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos medeiam o que vemos e consumimos por meio de recomendações baseadas nessas ações e tornam pouco visíveis conteúdos em relação aos quais não foram realizadas nenhuma ação em relação à ação de recomendação algorítmica. (Salgado, 2017,) Logo, para além da mediação simbólica há, em concomitância, atuação de mediação sociotécnica muito pautada na lógica mercadológica de “cliques”.

Tendo em vista a forte comoção nacional com o caso “transplante do Faustão” e as possibilidades de mediação que são exercidas pelas mídias de massa, especialmente



naquelas que se referem à credibilidade do SUS, realizou-se em outubro de 2023 uma coleta de postagens no perfil do jornal *O Globo* no *Instagram* sobre a temática, com um recorte que buscava observar dado espaço de tempo (Tabela 1). A presente análise refere-se ao período de 17 de agosto de 2023, quando o *Instagram* de *O Globo* publicou seu primeiro *post* sobre a internação do apresentador Fausto Silva para um tratamento de compensação clínica de insuficiência cardíaca, imediatamente prévio ao anúncio sobre a necessidade de transplante, e segue até final do mês, dia 31 de agosto de 2023 (período de 14 dias), nos oferecendo uma perspectiva mais longitudinal. Neste interim, o veículo publicou 14 posts envolvendo a temática: 11 diretamente vinculadas ao apresentador e três matérias que trouxeram como tema principal a questão do transplante de órgãos, gerando a possibilidade de ativação de intertextos.

**Tabela 1:** Amostragem de *posts* coletados entre os dias 17 e 31 de agosto de 2023 no *Instagram* do jornal *O Globo* sobre o transplante do apresentador Faustão ou sobre o tema transplante<sup>10</sup>

Post	Data da postagem	Foto/vídeo do Faustão	Título da postagem	Citação do nome do apresentador	Comentários
1	17/08/23	Sim	Faustão está internado há mais de 10 dias com quadro de insuficiência cardíaca	Citado no título	289
2	21/08/23	Sim	Faustão precisa fazer transplante de coração e espera por um doador pode demorar até 18 meses	Citado no título	703
3	22/08/23	Sim	UTI, diálise: quadro de Faustão se enquadra em “prioridade de saúde” para receber um órgão; entenda	Citado no título	1.085
4	27/08/23	Sim	Einstein recebe coração para transplante, e Faustão é operado neste domingo	Citado no título	2.519
5	27/08/23	Sim	Transplante de coração de Faustão terminou “com sucesso”, diz hospital	Citado no título	1.153
6	28/08/23	Sim	“Faustão do meu coração’: um dia após transplante, <i>Instagram</i> volta a derrubar conta com relatos de doações de órgãos”	Citado no título	770
7	30/08/23	Não	‘O médico mandou eu viver com a Lorena um dia de cada vez’, diz a mãe da menina que aguarda coração há 4 anos	Não cita o nome de Faustão	571
8	31/08/23	Sim	‘Sinto como se meu coração batesse ainda mais forte, é uma sensação única’, diz Faustão	Citado no título	436
9	31/08/23	Sim	Completamente recuperado	Citado na legenda	1.323

<sup>10</sup> Tabela condensada, a partir da amostra de 14 postagens encontradas no período analisado.





10	31/08/23	Sim	Faustão: doador de coração teve enterro pago com vaquinha de amigos; saiba quem é	Citado no título	2.458
----	----------	-----	---	------------------	-------

**Fonte:** Elaboração própria (2023).

Inicialmente, do ponto de vista metodológico, por não tratar diretamente do conjunto de informações associadas aos transplantes de órgãos ou publicada originalmente no perfil de *O Globo* no *Instagram*, tínhamos optado por desconsiderar uma “repostagem” realizada pelo veículo, que contava a história do apresentador e não citava sua situação de saúde. Entretanto, a opção de “repostar” esse pequeno histórico do Faustão nos pareceu relevante, uma vez que, além de humanizar uma pessoa que estaria sendo salva ao receber aquele órgão, tratava-se de alguém que “frequentou a casa” de milhares de brasileiros e brasileiras por três décadas, produzindo um sentido de que salvava-se, não uma pessoa qualquer, mas um “amigo” próximo. Nesse sentido, a forma como o autor da mensagem (um ator que configura narrativas entre as mimeses I e III) organiza essas tessituras emerge como pista valiosa para a compreensão de como teoria da ação e teoria da narrativa encontram equivalência.

Nossa opção por escolher as postagens realizadas por *O Globo* em seu perfil no *Instagram* se deu por esta se tratar, desde 2023, da terceira plataforma mais utilizada no país. Ou seja, para além da capilaridade alcançada tradicionalmente pelo jornal, podemos somar a ela o alcance obtido com o uso deste suporte. Segundo dados do relatório *Digital 2023 - Global Overview Report*<sup>11</sup>, desenvolvido pela *We are Social* e *Meltwater*, ela soma cerca de 113,5 milhões de usuários brasileiros. O estudo “Infodemia e os impactos na vida digital”, de 2021, produzido pela empresa de cibersegurança Kaspersky, em parceria com a empresa de pesquisa Corpa, também apontou que sete em cada dez brasileiros, entre 20 e 65 anos, recorreram às redes como forma de se informarem durante o ano estudado.

De acordo com a Pesquisa TIC Domicílios de 2022,<sup>12</sup> no Brasil, há 15 milhões de domicílios sem acesso à Internet, o que favoreceu o uso do celular para esses fins. Segundo o relatório, o celular é o dispositivo mais utilizado para acessar à rede (99%), ressaltando que 62% das pessoas com acesso à internet no país fizeram este uso

<sup>11</sup> Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em 26 jan. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic\\_domicilios\\_2022\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletronico.pdf) Acesso em 16 nov. 2023.



exclusivamente por meio do telefone celular, o que representa seis a cada dez usuários. Dessa forma, apesar de ter havido um crescimento no acesso à internet nos últimos anos, ele não se deu de forma completa, e sim “por meio da massificação do uso do celular e, sobretudo, para interação em plataformas como *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*, *TikTok*, entre outros” (Stevanim; Murinho 2021, p. 129).

Da amostra coletada, foram escolhidas três postagens, destacadas em amarelo na Tabela 1, para uma verticalização da análise que apresentamos. Duas vinculadas ao apresentador baseadas em questões temporais e nos contrapontos criados pelas narrativas (a primeira quando a indicação de transplante é anunciada, a segunda indicando seu estado de saúde logo após o transplante). Entre as postagens não diretamente relacionadas ao apresentador, escolheu-se para análise uma que trazia em comum com seu caso o órgão a ser transplantado: coração, órgão central ao corpo e que carrega em si uma diversidade de simbologias. Foram selecionados os primeiros dez comentários de cada postagem, excetuando-se aqueles repetidos pelo mesmo usuário, dentre um total de 2.427 comentários.<sup>13</sup> Estar entre os primeiros comentários é uma posição privilegiada e instável, pois o algoritmo da plataforma ranqueia pelos comentários mais curtidos e comentados. No entanto, mesmo que esse resultado representasse apenas um extrato das opiniões mais populares dentro do escopo escolhido, isso não prejudicaria o teor da pesquisa.

Ainda sobre a metodologia adotada, a escolha por analisar apenas a legenda das postagens (um pequeno resumo do que consta na matéria completa) se deu pelo fato de 1. haver uma quantidade limitada para leitura gratuita das reportagens no site do *O Globo*; 2. a questão do acesso à internet não se dar de forma equitativa no país, dificultando o acesso a alguns sites; 3. os pacotes oferecidos por operadoras de telefonia celular, geralmente, disponibilizarem um acesso facilitado ou gratuito às mídias sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. Entretanto, tais elementos também não comprometem o processo analítico, uma vez que há regularidades enunciativas e contiguidade de sentidos que nos permitem verticalizar nossa análise, observando as construções contidas nas narrativas que são publicadas no perfil de *O Globo* e postas em circulação. Paralelamente, como antecipamos acima, dentro dessa seção, com a análise das narrativas podemos verificar como tais ofertas de sentidos

---

<sup>13</sup> O total de comentários das 14 postagens, em 6 de dezembro de 2023, chegou a 12.598.



dialogam com nossa formação social e com uma diacronia que evidencia uma tessitura em que cada *post* se encontra.

## Resultados

**Tabela 2:** 1ª postagem analisada “Faustão precisa fazer transplante de coração” @jornaloglob0 21/08/23 de



**Título:** Faustão precisa fazer transplante de coração e espera por um doador pode demorar até 18 meses.

**Legenda:** O último boletim médico divulgado pelo Hospital Albert Einstein sobre a saúde de Fausto Silva, o Faustão, informou que o apresentador entrou para a fila única de transplante de coração. De acordo com os médicos, o apresentador "encontra-se sob cuidados intensivos e, em virtude do agravamento do quadro, há indicação para transplante cardíaco". Ele está internado há 15 dias. A fila é gerida por uma equipe técnica, que avalia as prioridades de acordo com cada situação, sendo atualizada conforme a evolução do quadro clínico. Em São Paulo, a espera por um coração vai de 12 a 18 meses, de acordo com o Hospital do Coração (HCor). No Brasil, cerca de 40 mil pessoas estão a espera de um órgão.

Posição	Comentários <sup>14</sup>	Análises <sup>15</sup>
1	Meu irmão está n UTI a 1 mês n mesma situação 😞, a espera, a angústia e a incerteza acaba conosco 😞	Conexão demonstrada por meio de depoimento pessoal, empatia devido à proximidade de situações
2	73 anos entra em fila para transplante? Achei que havia um limite de idade	Dúvidas sobre o sistema de transplantes, dúvidas sobre o SUS
3	Não importa se ele vai ser agraciado primeiro ou ficar esperando, o importante que o SUS vai fazer a sua parte salvando vidas, mesmo com toda essas dificuldades em relação a doação.	Confiança no SUS, esperança
4	Essa notícia é muito importante, dentre outros motivos, mas principalmente para incentivar a doação de órgãos. Uma pessoa famosa	Defesa do sistema de transplantes, análise midiática

<sup>14</sup> Os nomes dos usuários cujos comentários são analisados foram preservados por não configurarem informação relevante para a análise.

<sup>15</sup> Tabela condensada, a partir de *corpus* composto por 10 comentários.



	necessitando de um transplante é um bom motivo para a mídia propagar a mensagem da doação de órgãos	
5	A incrível história do incrível homem que pode comprar quase tudo, menos um coração novo.	Voz da religiosidade, a partir do pensamento que reforça que o dinheiro não é capaz de comprar saúde ou felicidade

**Fonte:** Elaboração própria (2023).

A postagem e a notícia a ela vinculada (Tabela 2) tem início com uma imagem séria do apresentador, de lado, evocando preocupação/tristeza, com uma chamada que alerta para a necessidade de Faustão realizar um transplante, anunciando a gravidade do caso, e explicitando ainda que a demora poderia chegar a 18 meses. Há um contraponto com o hospital em que o apresentador está internado, Albert Einstein, estabelecimento privado onde pessoas com fama ou prestígio no país são tratadas, e a informação de uma entrada para a “fila única” de transplantes, abrindo possibilidades de interlocução entre o contexto de qualidade de vida e dinheiro. A questão do termo “fila” também não é elucidada, ou seja, não é explicado que, apesar do uso do termo, a listagem segue parâmetros de urgência e compatibilidade.

Na postagem, o SUS também não é citado como o sistema responsável pelos transplantes no Brasil. É explicado que a fila é gerida por uma equipe que avalia as prioridades, mas quais são, não é citado. A utilização da palavra prioridade, em um contexto de desigualdades sociais que caracteriza o Brasil, reforça o caráter de discrepância entre os que merecem e os que não merecem ser salvos e remete à memória da população para a construção da ideia de desamparo por parte do governo. É reforçado o tempo médio de espera pelo órgão e o número de pessoas que aguardam uma cirurgia similar à de Faustão, criando-se uma dramatização, num cenário em que se ativa no imaginário coletivo imagens do SUS, como aquela que contém filas imensas. Para Sacramento e Borges (2020), é fundamental entender o lugar que a mídia possui nas representações dos conceitos de saúde e doença, compreendendo que, “as representações são parte de práticas sociais mais amplas que nos localizam, nos identificam, nos diferenciam, nos conectam e nos afastam” (Sacramento; Borges, 2020, p. 13).

Já as manifestações dos internautas demonstram o despertar de uma conexão a partir de determinada experiência, quando a história contada interpela as pessoas que interagem com aquele conjunto de informação, passando a demonstrar que o sentido se estabelece de forma pessoal para aquele que a escuta. Este elo é evidenciado pelos



comentários, nos quais os usuários contam suas experiências similares e trazem a memória como um lugar privilegiado de acionamento das possíveis conexões entre Faustão e aquele que “tem um irmão num caso semelhante”. Há a demonstração de uma relação criada entre a mensagem que interpela e as diversas manifestações registradas, que dão visibilidade àqueles que se expressam. Ao mesmo tempo e numa perspectiva diacrônica, a religiosidade, historicamente forte no país, é bastante evidenciada nos comentários, seja por meio de palavras seja por sua conotação. Apesar de dúvidas sobre o sistema de transplantes, as contradições e ambivalências em torno das noções associadas ao SUS também marcam o contexto de esperança e confiança na saúde pública brasileira, reforçando uma imagem fortalecida do Sistema, especialmente no período atual após sua efetiva atuação na pandemia de covid-19.

Entretanto, quando acompanhada de uma série de construções narrativas, produzidas num processo que acompanha a própria criação do SUS, o fato de estar internado no Albert Einstein acaba estabelecendo uma contradição, aparentemente irreconciliável, entre o prestígio, a fama, os recursos financeiros que “permitem” o acesso àquele hospital e um homem que “só não pode comprar um coração novo”. Se associada à nossa formação social, reflitamos, seria surpreendente admitir a hipótese de que “o jeitinho brasileiro”, do ponto de vista de um imaginário social, foi o responsável por Faustão “furar a fila”? Seria essa uma condição para que o apoio inicialmente dado tenha se convertido em dúvidas sobre o processo de transplante? Por um deslizamento de sentidos associados ao Faustão, ao transplante, ao SUS, as manifestações contidas nos comentários reforçam uma noção de que o acesso aos serviços de saúde é seletivo, negando o princípio da universalidade do nosso sistema.



**Tabela 3:** 2ª postagem analisada “Transplante de coração de Faustão terminou ‘com sucesso’” @jornaloglobo 27/08/23



**Título:** Transplante de coração de Faustão terminou “com sucesso”, diz hospital.

**Legenda:** Médicos do Hospital Israelita Albert Einstein afirmaram no fim de tarde deste domingo (27) que já encerraram "com sucesso" o procedimento de transplante de coração no apresentador Fausto Silva. Após a cirurgia, Faustão segue na UTI para 'adaptação do órgão e controle de rejeição'.

Posição	Comentários	Análises
1	Ótima notícia! Boa recuperação Faustão! Deus te abençoe... 🙏	Esperança, voz da religiosidade, confiança
2	Sacanagem!	Crítica à questão do transplante, desconfiança do SUS
3	Como é bom ter grana...enfim...	Crítica à questão do transplante, desconfiança do SUS
4	Como pode algumas pessoas cuspi tanto ódio, por conta de uma pessoa que recebeu a chance de viver de novo 🙏 vamos julgar menos e celebrar mais a vitória do nosso próximo isso sim nos faz um ser humano melhor 🙏 deixa pra Deus julgar se foi pulado a fila se foi comprado,o importante agora é a vida do nosso próximo 🙏❤️ podemos mudar o mundo com menas maldade na língua 🙏	Voz da religiosidade, justiça divina, bom x mau, céu x inferno
5	Tô curioso para saber como a família se "mobilizou" pelo órgão? Poderiam dar a dica para as mais de 300 pessoas que já estavam na frente dele.	Crítica à questão do transplante, desconfiança do SUS

**Fonte:** Elaboração própria (2023).

A notícia tem foco no quadro clínico de Faustão (Tabela 3). Após a cirurgia, a imagem escolhida para a postagem é do apresentador sorrindo, representando a alegria de estar curado – em contraste com a escolha anterior. Não há informações adicionais sobre a questão de transplantes. Analisando-se os comentários, percebe-se, após o transplante de Faustão, uma mudança de comportamento, com uma





predominância na insatisfação e nas críticas ao SUS, como um espaço em que a corrupção e o dinheiro determinam quem deve receber ou não um órgão. É reforçada a falta de confiança no Sistema Nacional de Transplantes, com comentários que evidenciam o alto grau de decepção frente a essa “deslegitimidade”. O apreço pelo apresentador – que desde 1986 esteve “dentro da casa de milhares de brasileiros” e foi, por 32 anos, o principal apresentador dominical da *Rede Globo*, no programa *Domingão do Faustão* – é sentido de maneira forte e se faz presente mesmo quando há desconfiança sobre os critérios de elegibilidade para a cirurgia. Também é possível perceber como tais narrativas constroem facilmente um sentido de lado bom ou lado ruim, de bem e mal, ou de comportamentos que levam ao céu ou inferno, ou seja, fortalecem uma dicotomia nos discursos.

Nos termos aqui colocados, nos parece oportuno também destacar o quanto nossa formação, alicerçada numa moral católica-cristã, fornece as bases para que, numa certa impossibilidade de compreensão do processo, a esperança, a bondade, o céu emergem como categorias “explicativas” para justificar uma ação que garantiu legalmente a efetivação do transplante. Nesses termos, se opera igualmente uma desvalorização do SUS, a partir de fragmentos de informações (confirmadas nos comentários) de que, para “entrar na fila”, “furando-a” (se for o caso), ainda que o sujeito não tenha recursos, prestígio, fama, ser bondoso, ter esperança, são ativados para justificar e ratificar a seletividade do nosso sistema público de saúde.

**Tabela 4:** 3ª postagem analisada “O médico mandou eu viver coma Lorena um dia de cada vez” @jornalgloblo 30/08/23.

**Título:** ‘O médico mandou eu viver com a Lorena um dia de cada vez’, diz a mãe da menina que aguarda coração há 4 anos



Legenda: Bárbara Stefani, 31 anos, estava grávida de Lorena quando descobriu que a filha era portadora de uma cardiopatia congênita rara e agressiva. O problema fazia um dos músculos do coração do feto bater de forma mais lenta do que o normal. E foi também durante a gestação que ela soube que a única solução com passar do tempo seria a filha entrar na lista de transplante de coração. Quatro anos se passaram desde a chegada na fila e ela ainda não foi transplantada. O cenário com crianças é diferente, as cirurgias mais escassas. Assim como a menina, o Brasil hoje tem 64 meninas e meninos com até 17 anos de idade à espera de um coração, de acordo com o Sistema Nacional de Transplantes, atualizado nesta terça-feira. O total de pessoas, para se ter uma ideia, é de 380.

Posição	Comentários	Análises
1	A matéria só ajuda a disseminar a desinformação e hate no Faustão - faltou a edição prestar a informação que o receptor tem que ter as mesmas características do doador (peso, altura, idade, tipo sanguíneo) além das condições de prioridade! Lamentável	Sentimento de manipulação causado pela mídia
2	Vocês têm coragem de fazer uma manchete desse pra fazer o povo achar que o coração que foi pro Faustão poderia ir pra pequena Lorena?!?! É fato ou é fake?	Sentimento de manipulação causado pela mídia
3	Obrigado Eduardo Filho pelo apoio a essa causa tão importante para todo o Brasil BR #doeórgãos #umcoracaoparalorena	Defesa do veículo com agradecimento ao repórter que escreveu a matéria
4	Avise sua família! Doe órgãos ♡	Reforço sobre a importância da doação de órgãos, confiança no sistema
5	Só quem tem um filho pequeno na lista de transplante, sabe o quanto é verdade que para crianças é mais demorada a espera. Não vejo desinformação nenhuma aí. Meu filho de 13 anos aguarda há 1 ano.	Depoimento com apelo emotivo, críticas à demora da fila única.

**Fonte:** Elaboração própria (2023).

A imagem (Tabela 4) contém uma fotografia da mãe Bárbara e da menina Lorena, que necessita de um transplante de coração, tal qual o apresentador Fausto Silva. Ambas sorriem e olham diretamente para a câmera. Ao fundo, há um cenário da Turma da Mônica, personagens de gibis infantis criados pelo cartunista Maurício de Souza, remetendo ao universo lúdico da criança, aumentando a identificação de pais e seguidores do perfil do jornal e trazendo um viés emocional para a história. É reforçado na construção do texto que a única forma de salvar a menina Lorena é por meio de um transplante, que ela aguarda há quatro anos – e ainda que não seja citado, se faz um contraponto com Faustão, que conseguiu o coração em poucos dias. Nessa imagem, uma narrativa que se estrutura num lusco-fusco informação e emoção demonstram a pertinência das análises aqui realizadas.

A presença do medo como instrumento narrativo é outro destaque no texto. A matéria traz ainda o número de crianças na fila do transplante com a utilização da expressão “para se ter ideia”, raramente utilizada no jornalismo por conter um viés



peçoal emotivo do repórter que assina a matéria, acentuando-se o amálgama entre narrativa e melodrama (Borges, 2014). A postagem também chama a atenção para a questão de o cenário de cirurgias para crianças ser mais escasso, mas não há explicação para o porquê de tal situação acontecer. Historicamente, e até mesmo biologicamente, não se espera que um filho morra antes dos pais. Dessa forma, a postagem, ao abordar o drama de uma mãe, interpela diversas outras mães que passam a temer o mesmo fim trágico, evidenciando o quanto aspectos racionais e emocionais são constitutivos de toda e qualquer narrativa, nos mostrando o quanto uma oposição entre razão e não razão enfraquecem uma análise das narrativas.

Assim sendo, quando empreendemos análises de narrativas, buscamos observar e destacar como tais construções são atualizadas nas páginas dos jornais (e, no nosso caso particular, nos perfis desses jornais no *Instagram*, por exemplo), cristalizando conceitos, deslocados do momento histórico em que são propostos, mas de forma naturalizada. Nesse sentido, com o rigor que o método exige, o que buscamos oferecer são interpretações críticas para além de apontar como padrões se repetem, valorizando contextos, espaços e papéis que indivíduos ocupam e/ou exercem em nossa sociedade. Um dos efeitos desse processo é a compreensão, reforçada especialmente nos comentários, de que há manutenção de hierarquias sociais (seja do ponto de vista financeiro seja do religioso) como parte de um processo em que tais construções são elementos centrais do antagonismo que move nossa sociedade.

## **Discussão dos Resultados**

Ricoeur (1994) diz que a narrativa está inserida num processo entre três mimeses (que organizam a experiência temporal), uma nova estrutura possível e realista das condições mais verdadeiras da existência humana. Nos termos propostos pelo filósofo dos sentidos, toda e qualquer experiência humana encontra concretude numa ação pela qual o tempo se organiza numa narrativa, ou seja, é através da ação humana – uma ação narrativa, defendemos – que o tempo encontra sua materialidade, quando organizado narrativamente, num movimento em que o passado (prefiguração ou mimese I) comparece na configuração (mediação ou mimese II) fazendo nela conter as perspectivas e projetos futuros (reconfiguração ou mimese III).

Tal narrativa é própria de uma transformação social e histórica e compõe uma nova forma de transmitir conhecimentos. Ao longo dos anos, os veículos de comunicação têm se apropriado deste formato como suporte para construção de seus



determinantes textuais. Ramos e Borges (2022), com quem concordamos, afirmam que as Tecnologias e Informação em Comunicação (TICs) amplificam e favorecem a circulação dos melodramas produzidos pelas representações midiáticas, fazendo com que suas narrativas componham o universo de referências que habitam conversas cotidianas em nossas sociedades, com muitos atravessamentos decorrentes da cultura dos sujeitos. Uma hipótese que nos parece plausível, na medida em que os comentários nos permitem compreender como se opera esse movimento que interpela sujeitos sociais (irmãos, mães, membros de um segmento religioso) a aderirem às construções produzidas e colocadas em circulação.

Cruzando com a análise das narrativas contidas nos comentários, é possível perceber que elas não separaram a emoção da razão, demonstrando uma forte atuação sobre o imaginário social. Os comentários, as críticas aos sistemas, a desconfiança do SUS, as exclamações decepcionadas, *emojis* tristes, testemunhos pessoais, todas essas expressões apontam para uma conseqüente produção social de sentidos referente à confiabilidade do Sistema Único de Saúde, que acaba por produzir uma sutura,<sup>16</sup> uma espécie de liga difícil de ser rompida, um elo profundo entre a mensagem e seu interlocutor. É assim que são percebidas as escolhas de palavras, daquilo que é publicado ou não, das imagens com rostos felizes ou tristes, adultos ou crianças, mensagem de esperança ou que despertam o lado dramático da história.

No caso da segunda postagem, é levantado ainda o lugar da midiatização no debate sobre transplantes, ao questionarem o formato da notícia. A tese lacaniana de que a verdade tem estrutura de ficção (Lacan, 1985), ou seja, o real é inapreensível, impossível de se alcançar, traz a questão de que quem narra fica escondido. A olho nu nem sempre é possível desvendar a rede translúcida que cobre o narrador invisível, mas quando descoberto, percebe-se que o silêncio também tem o que dizer.

A polifonia bakhtiniana dá o tom em boa parte dos comentários, seja pela ausência de um interlocutor, seja pela constante voz da religião presente, determinando uma justiça divina que irá agir, para o bem ou para o mal. Na premissa anunciada por Araújo e Cardoso (2007) a partir de Bakhtin, nos vemos diante de “uma arena de embates sociais, na qual são propostas, negociadas e ratificadas ou recusadas as relações de poder” (Araújo; Cardoso, 2007, p. 56). Para o linguista russo, quando

---

<sup>16</sup> Conceito proposto por Lacan e disseminado publicamente por seu genro, Jacques-Alain Miller. Ver: *La Suture (éléments de la logique du signifiant)*, 1972.



um sentido é pasteurizado, significa que as vozes estão seguindo a mesma direção, ou de forma simples, “a mensagem colou”. Há ainda uma voz que ratifica o lugar daqueles não pertencentes à sociedade, os quais, no caso de uma necessidade de transplante, não terão as mesmas oportunidades do apresentador, seja na internação em um centro hospitalar de alta complexidade seja nos cuidados, ou mesmo na atenção pública. Um contexto histórico que, no Brasil, remonta ao período colonial, quando a população era – ainda mais publicamente – dividida por classe ou cor.

Neste sentido, Borges (2022) fala sobre a apropriação das narrativas pela população:

Se todo enunciado jornalístico é ideológico, isto é, traz impresso em seus relatos escolhas, visões de mundo, interesses particulares, conscientes ou inconscientes de determinado autor e leitor, ouvinte, espectador, telespectador, internauta (que em determinadas ocasiões podem corresponder a interesses coletivos, com conteúdos oferecidos a partir de qualquer textura, o passado, isto é, um mundo prefigurado, pode fornecer elementos decisivos para que o diálogo transcorra numa direção ou noutra (Borges, 2022, p. 396).

Tal contexto histórico, no qual se enquadra o lugar do SUS, um dos maiores sistemas públicos do mundo, tem sido construído ao longo dos anos por um subfinanciamento e sua desarticulação, mas que diante de tamanha complexidade carece de mais investimentos e atenção. Se ao longo dos anos a imagem principal articulada ao SUS eram as imensas filas na frente dos hospitais, depois da pandemia de covid-19, a situação pareceu apresentar mudanças, diante do papel preponderante da Saúde Coletiva do país no cuidado, na vacinação e nas políticas públicas do período, voltadas à população. Uma mudança expressiva tendo em vista a relevância do imaginário social frente à produção de sentidos coletivos.

Neste sentido, a narrativa demonstra que, para além das discussões acerca do transplante do Faustão, o debate passa pela produção de sentidos, resultado de políticas exclusivas e de narrativas midiáticas que corroboram com este sentimento de exclusão. Em sua Teoria da Ação, Ricoeur (2003) fala sobre a ação de exercer a atividade de memória a partir da lembrança. Neste ponto, salienta que, como dois lados da mesma moeda, o ato de lembrar também traz em si o de esquecer, e dessa forma Ricoeur propõe diferentes formas de se pensar na memória e no esquecimento: memória impedida, manipulada e convocada. Para fins de melhor entendimento no contexto aqui elucidado, joga-se a luz sobre esta terceira, que aponta que, da mesma



forma que determinadas mensagens trazem em si a necessidade da memória, trazem também a do esquecimento.

Ao se tomar por referência o discurso midiático, pode-se observar que este tem construído suas narrativas a partir da produção de significados comuns (ou de uma memória comum). Esse aspecto traz consigo uma “necessidade” de apagamento de traços, de restos, de vestígios. Assim, cria-se um passado comum que vai produzir, dentre outras marcas, o esquecimento (Borges; Sacramento, 2017).

Quando se opta por falar das filas únicas para transplantes, do número de pessoas aguardando sua vez, incluindo crianças, e não se contextualiza a legitimidade do transplante de Faustão, explicando o funcionamento da fila única – que na realidade não é uma fila –, dos critérios de compatibilidade ou na falta de escolha de personagens que tenham conseguido um órgão em velocidade similar, deixa-se de criar um novo caminho para uma narrativa de defesa do SUS, que, desde sua criação, na Constituição Federal de 1988, carece de legitimidade midiática, em meio a intensas batalhas no campo de disputas de poder que existem na comunicação entre a Saúde Pública e os interesses privados. Borges (2014) fala da importância de as análises jornalísticas levarem em conta “além da questão da cultura, o que se evidencia (memória), e o que se busca apagar (esquecimento)” (Borges, 2014, p.97).

Com essa perspectiva, as narrativas que envolvem conceitos de vida e morte, conectam-se diretamente com os leitores/seguidores e têm caráter altamente passional, despertando sentimentos como medo e ódio (Barros, 2016) Neste caso, medo do que poderia acontecer caso estivesse na mesma situação de tantas pessoas que precisam do transplante; e ódio de um país marcado por desigualdades sociais e corrupção nas estruturas políticas que, de forma global, têm acarretado um movimento de crise da confiança na imprensa, na ciência, e nas instâncias institucionais e governamentais. Um reflexo que, apesar do alto número de pessoas que aguardam o transplante, pode comprometer o crescimento das doações, visto o recorde alcançado no primeiro semestre de 2023. De acordo o Ministério da Saúde, o Brasil é o 2º país que mais transplanta órgãos no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Segundo o Portal do MS, entre janeiro e junho de 2023, o país realizou cerca de 4,3 mil transplantes, um crescimento de 16% em relação ao ano anterior.

Enquanto no mesmo período, no site de *O Globo*, dezenas de outras matérias foram publicadas sobre a mesma temática, muitas delas explicando o funcionamento da fila de transplantes e contestando a ideia de o apresentador ter “furado fila”, no





*Instagram* nenhuma postagem abordou de forma direta esta temática. Levando-se em consideração o funcionamento do *Instagram*, que por meio de seus algoritmos produz uma maior promoção de conteúdo que gere fortes emoções, como a indignação e a raiva, é razoável pensar que a ausência de postagens com explicações sobre o funcionamento do SNT pode ter se dado com fins de gerar um maior engajamento nas postagens. Segundo Araújo e Cardoso (2007), a comunicação é um espaço de produção social de sentidos, onde podem ser verificadas a produção, circulação e apropriação de bens simbólicos, como postagens do *Instagram*, mas que, apesar de simbólicos, precisam de um suporte material, ou no caso tecnológico, para circularem, estando assim, “sujeitos às regras e lógicas capitalistas de produção, circulação e consumo” (Araújo; Cardoso, 2007, p.74).

**Figura 1:** Matéria de 28/08/23



**Fonte:** Jornal *O Globo* (2023).

**Figura 2:** Matéria de 27/08/23



**Fonte:** Jornal *O Globo* (2023).

**Figura 3:** Matéria de 27/08/23.



**Fonte:** Jornal *O Globo* (2023).



A falta de informações claras e precisas no perfil do *Instagram* de *O Globo* sobre os critérios de elegibilidade para as cirurgias faz multiplicar a circulação de sentidos concorrentes, aumentando a desinformação e pode ainda, de forma indireta, impactar no processo de doação de órgãos, a partir da falta de confiança nos processos que determinam a fila única. Quando se pensa nas possibilidades oferecidas pelo uso das TICs, percebe-se a lacuna entre intangibilidades e concretudes no que tange às discussões sobre saúde. Conforme afirmam Muzi e Clébicar (2014), as TICs têm o poder de promover “uma comunicação em saúde que siga os princípios do SUS: universalidade, integralidade, equidade, descentralização e participação popular” (Muzi; Clébicar, 2014, p .327). Entretanto, seu uso nem sempre promove uma maior interatividade ou controle social na produção de conteúdo.

Cabe ainda uma discussão sobre a utilização de algoritmos de plataformas de mídias sociais, que favorecem o engajamento de temáticas que apelam para fortes emoções. Estratégia bastante utilizada durante a pandemia de covid-19, para a disseminação de informações falsas sobre a doença e sobre a vacinação. Neste aspecto, um estudo publicado em 2018 pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, dos Estados Unidos,<sup>17</sup> sobre a disseminação de notícias falsas, demonstrou que conteúdos mentirosos têm 70% mais chances de serem compartilhados que informações verdadeiras. Isso porque elas tendem a inspirar medo, rejeição e surpresa (emoção). Ainda que este não seja o caso das notícias veiculadas pelo *Instagram* do jornal *O Globo*, tendo em vista a produção social de sentidos verificada por meio dos comentários, pode-se aferir que as publicações geraram o mesmo tipo de reação. Tal afirmativa pode ser averiguada pelas duas postagens dentre as 14 enumeradas neste estudo com o maior número de comentários: “Einstein recebe coração para transplante, e Faustão é operado neste domingo”, com 2.519 comentários, e “Faustão: doador de coração teve enterro pago com vaquinha de amigos; saiba quem é”, com 2.458. Enquanto a primeira postagem, que revelou o quadro de saúde do apresentador, mas não citava a questão dos transplantes, recebeu 289 comentários.

De central importância para o campo da comunicação, o “caso Faustão” nos traz à discussão sobre as possibilidades das novas configurações comunicacionais das plataformas digitais para o registro e rastreamento da circulação de sentidos,

---

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559> Último acesso em 17 novembro de 2023.



permitindo esta análise a partir dos discursos jornalísticos no *Instagram*. A circulação figura como “um novo objeto, como efeito de pesquisas sobre estratégias de ofertas em situação de reconhecimento, nas quais sistematizam-se os trajetos de processos de apropriação de discurso e sua conseqüente transformação em novos discursos.” (Fausto Neto, 2010, p. 63). Esse conceito mais amplo da circulação como “fluxo adiante” se manifesta nos comentários registrados no *Instagram* estimulando debates, análises e polêmicas (Braga, 2012), especialmente num ambiente de digitalização (Carlón, 2022) em que modos de produção de significados são impactados pela forma como ocorre sua circulação. Nesses termos, constata-se um rico ambiente para observação da produção social de sentidos.

### **Considerações finais**

Partindo das reflexões descritas anteriormente, pode-se perceber o papel que as representações midiáticas ocupam na produção de sentidos a respeito da gestão da “fila única” no Sistema Nacional de Transplantes e na confiabilidade do SUS, e como tais representações convidam os internautas a “aderirem” àquelas construções. Ainda que não haja nenhuma inferência direta à legitimidade do sistema de saúde brasileiro, é naquilo que não é dito, que se pode perceber, segundo Zizek (1996), a presença de uma ideologia onde não se imagina que haja – no nosso caso particular, de forma sub-reptícia, a defesa de um modelo privado de saúde, com forte apoio de grupos econômicos interessados em lucrar com planos e procedimentos de saúde. Sem as devidas caracterizações do que representa a alta complexidade em saúde, como é o caso do transplante, não estariam sendo tais pressupostos reforçados na medida em que Faustão passa por todo o procedimento no Albert Einstein?

Com essa perspectiva, concordamos com Machado (2020), para quem é importante reconhecer que os meios de comunicação não atuam nem como apenas comunicadores da verdade ou espaços sem interesses próprios. “A mídia deve ser vista como espaço articulado e coerente de disputa de poder, cuja expressão dos interesses do capital, vinculados na maioria das vezes a grupos econômicos, não representam e nem defendem igualmente os interesses da sociedade”. (Machado, 2020, p. 156) A partir dos comentários nas postagens do perfil do jornal *O Globo* no *Instagram*, foi possível avaliar ainda a falta de conhecimento quanto ao funcionamento da listagem de doação de órgãos e, por consequência, a necessidade de capilaridade dos objetivos



enunciados pela Política Nacional de Conscientização e Incentivo à Doação e ao Transplante de Órgãos e Tecidos.<sup>18</sup>

O debate torna-se ainda mais relevante ao pensar que a possibilidade de compra/venda de órgãos vai contra o preceito constitucional que proíbe que órgãos do corpo humano sejam tratados como mercadoria. Na medida em que a percepção pública desta proibição é enfraquecida, abre-se brechas para discussões maiores, como é o caso da PEC nº 10/2022, que dispõe sobre a venda de plasma humano pela iniciativa privada. Em nota<sup>19</sup>, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirmou que a aprovação da PEC, em tramitação em novembro de 2023, poderia “trazer impacto negativo nas doações voluntárias de sangue, pois há estudos que sugerem que quando as doações são remuneradas, as pessoas podem ser menos propensas a doar por motivos altruístas”. Não seria ingênuo pensar nas possibilidades que esta aprovação poderia despertar.

Em um país onde, segundo o Ministério da Saúde, cerca de 65 mil pessoas aguardam por um transplante e, a partir da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), com dados de 2018, dos pacientes que necessitam de um novo coração, apenas 23% conseguiam o órgão, qualquer produção de sentidos de desvalorização e desconfiança do SUS, que enalteça princípios contrários ao da universalidade, integralidade e equidade, não favorece uma melhoria para a população. Resta responder quem ganha e como se beneficia a iniciativa privada, especialmente na área da saúde, quando a produção de sentidos a respeito do SUS é baseada em desconhecimento, desconfiança e medo. E mais: como é possível reverter esta lógica.

---

## Referências

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-326.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v.58, n.1, 2016, p. 7-24.

---

<sup>18</sup> Instituída em novembro de 2023, a Lei 14722/2023 foi sancionada quatro anos após o Projeto de Lei ser aprovado no Senado. Entre seus principais objetivos estão a informação e a conscientização sobre a doação, contribuições para o aumento do número de doadores, entre outros.

<sup>19</sup> Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-se-posiciona-contrapec-do-plasma> Último acesso 19 novembro de 2023.



BORGES, Wilson Couto. A narratologia deve estar atenta à cultura. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Orgs) **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014, p 85-108.

BORGES, Wilson Couto. Entre a tipografia e a guilhotina: imaginário, subjetividade e política na investigação de uma conjuntura. **Passagens, Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro: vol.14, nº 3, setembro-dezembro, 2022, p. 384-407.

BORGES, Wilson Couto; FRANKLIN, Camila Fortes M. A (des)patologização de Jair Bolsonaro nas redes em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil. **Mídia e Cotidiano**, 16(2), 2022, 151-174. <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i2.53081>

BORGES, Wilson Couto; SACRAMENTO, Igor. O crack na grande cena: narrativas que se conectam ao imaginário, reificam saberes e produzem efeitos repressivos. **Mídia e Cotidiano**, 11(3), 2017, 228-249. <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v11i3.9854>

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: **Mediação & Mediatização**. Salvador; Brasília: EDUFBA; Compós, 2012, p. 31-52

CARLÓN, Mario. ¿El fin de la invisibilidad de la circulación del sentido en la mediatización contemporánea? **DeSignis – Mediatizacones, Federacion Latinoamericana de Semiótica**, n. 37, julio-diciembre de 2022, p. 245-253.

CASTANHEIRA, Débora.; FAULHABER, Clara.; GERSCHMAN, Silvia. O papel da mídia na construção da agenda governamental para o SUS no Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2018. DOI: 10.29397/reciis.v12i3.1455.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.10, n. 20, 2010, p. 55-69.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, [1955-1956] 1985

MACHADO, Izamara Bastos. **O SUS midiático: historicidade e sentidos sobre saúde pública no jornal O Globo (1988-2018)**. 2020. 359 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MUZI, Daniela; CLÉBICAR, Tatiana. Novas tecnologias, antigos problemas: a reprodução de velhas práticas de comunicação em mídias digitais. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2014. DOI: 10.3395/reciis, v8i3.671.

PINTO, Pâmela Araújo; ANTUNES, Maria João Lopes; ALMEIDA, Ana Margarida Pisco. O Instagram enquanto ferramenta de comunicação em saúde pública: uma revisão sistemática. **Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI)**. 24-27 June 2020, Seville, Spain.

RAMOS, Raíssa Vieira R; BORGES, Wilson Couto. Mídia, representação e circularidade: a potência de Vai Que Cola frente aos sentidos sobre alimentação saudável. In: **Comensalidades em narrativa: estudos de mídia e subjetividade**. Salvador: EDUFBA, 2022, p. 59-79.



SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. **Representações Midiáticas da Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

STEVANIM, Luiz Felipe; MURTINHO, Rodrigo. **Direito à Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papirus, 1994. V.1

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. Miatizações sociotécnicas: farejar o social das mídias digitais e seguir os rastros das humanidades. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 1, june 2017. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-miatizacao-artigos/article/view/116> Acesso em 26 jan. 2025.

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. RJ: Contraponto, 1996.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.